

LIVRO TRÊS DA SÉRIE SANGUE E CINZAS



A
COROA
DE
OSSOS
DOURADOS

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

JENNIFER L.
ARMENTROUT

JENNIFER L.
ARMENTROUT

A
COROA
DE
OSSOS
DOURADOS

Tradução
Flavia de Lavor

1ª edição

— **Galera** —
RIO DE JANEIRO
2022

PREPARAÇÃO
Emanoelle Veloso
REVISÃO
Mauro Borges

CAPA
Adaptada do original de Hang Le
TÍTULO ORIGINAL
The Crown of Gilded Bones

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Armentrout, Jennifer L.

A76r

A coroa de ossos dourados [recurso eletrônico] / Jennifer L. Armentrout; tradução Flavia de Lavor. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2022.

recurso digital (Sangue e cinzas ; 3)

Tradução de: *The crown of gilded bones*

Sequência de: *Um reino de carne e fogo*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5981-190-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lavor, Flavia de. II. Título. III. Série.

22-78271

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Copyright © 2021 by Jennifer L. Armentrout
Direitos de tradução mediante acordo com Taryn Fagerness Agency
e Sandra Bruna Agência Literária, SL.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA GALERA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil
ISBN 978-65-5981-190-8

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

Dedicado aos heróis: os profissionais da saúde, socorristas, trabalhadores essenciais e pesquisadores que trabalharam árdua e incessantemente para salvar vidas e manter o comércio aberto em todo o mundo, com grande risco para suas próprias vidas e as dos seus entes queridos. Obrigada.

Sumário

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze
Capítulo Dezesesseis
Capítulo Dezesete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro

Capítulo Trinta e Cinco

Capítulo Trinta e Seis

Capítulo Trinta e Sete

Capítulo Trinta e Oito

Capítulo Trinta e Nove

Capítulo Quarenta

Capítulo Quarenta e Um

Capítulo Quarenta e Dois

Capítulo Quarenta e Três

Capítulo Quarenta e Quatro

Capítulo Quarenta e Cinco

Capítulo Quarenta e Seis

Capítulo Quarenta e Sete

Capítulo Quarenta e Oito

Capítulo Quarenta e Nove

Capítulo Cinquenta

Agradecimentos

Leia o primeiro capítulo de *A guerra das duas rainhas*, continuação de *A coroa de ossos dourados*

Capítulo Um

— Abaixem as espadas — ordenou a Rainha Eloana, com os cabelos pretos brilhando como ônix sob o sol enquanto se ajoelhava no chão. A emoção crua que emanava dela se infiltrou no piso do templo das Câmaras de Nyktos, amarga e quente, com gosto de angústia e de uma espécie de raiva desamparada. Aquilo se estendeu até mim, fazendo a minha pele pinicar e roçando alguma coisa... *primitiva* dentro de mim. — E curvem-se diante da... diante da *última* descendente dos deuses mais antigos, aquela que tem o sangue do Rei dos Deuses nas veias. Curvem-se diante de sua nova Rainha.

O sangue do Rei dos Deuses? Sua nova Rainha? Nada daquilo fazia sentido. Nem as suas palavras nem o fato de que ela havia tirado sua coroa.

Uma respiração débil queimou a minha garganta quando olhei para o homem parado ao lado da Rainha de Atlântia. A coroa ainda estava na cabeça de cabelos loiros do Rei, mas os ossos continuavam de um branco desbotado. Bem diferente da coroa reluzente e dourada que a Rainha havia colocado aos pés da estátua de Nyktos. Vi de relance as coisas horríveis e despedaçadas dispostas sobre o piso branco, antes imaculado. O que eu tinha feito com eles, acrescentando o seu sangue ao que caiu do céu, preenchendo as leves fissuras no mármore. Então desviei os olhos daquilo. Não olhei para mais nada nem para mais ninguém — todo o meu ser se concentrou *nele*.

Casteel permaneceu ajoelhado, olhando para mim por entre o V das espadas que cruzou sobre o peito. Seu cabelo úmido, preto-

azulado à luz do sol Atlante, cacheava sobre a pele cor de areia da testa. O vermelho coloria aquelas maçãs do rosto altas e angulosas e a curva orgulhosa do maxilar e descia por lábios que já haviam partido o meu coração. Lábios que juntaram aqueles cacos com a verdade. Com os olhos dourados e brilhantes fixos nos meus, e até mesmo curvado diante de mim, tão imóvel que eu não tinha certeza se estava vivo, ele ainda me fazia lembrar de um daqueles belos e selvagens gatos das cavernas que vi enjaulados no palácio da Rainha Ileana quando era criança.

Ele havia sido muitas coisas para mim. Um estranho em um quarto mal iluminado em quem dei o meu primeiro beijo. Um guarda que jurou dar a vida pela minha. Um amigo que olhou além do véu da Donzela para ver quem eu realmente era ali embaixo, que me entregou uma espada para que eu pudesse me defender em vez de me forçar a permanecer em uma gaiola de ouro. Uma lenda envolta em escuridão e pesadelos que pretendia me trair. O Príncipe de um reino que se acreditava perdido no tempo e na guerra, que sofreu horrores inimagináveis e ainda assim conseguiu encontrar os pedaços de quem costumava ser. Um irmão que faria qualquer coisa, qualquer façanha necessária para salvar sua família. Seu povo. Um homem que desnudou a alma e abriu o coração para mim — e somente para mim.

Meu primeiro.

Meu guarda.

Meu amigo.

Meu traidor.

Meu parceiro.

Meu marido.

Meu coração gêmeo.

Meu *tudo*.

Casteel Da'Neer se curvou diante de mim e me olhou como se eu fosse a única pessoa em todo o reino. Não precisei me concentrar como antes para saber o que ele estava sentindo. Tudo o que ele sentia era evidente para mim. Suas emoções eram um caleidoscópio de sabores em constante mutação — fresco e ácido, pesado e apimentado, doce como frutas vermelhas banhadas em

chocolate. Ele entreabriu aqueles lábios inflexivelmente firmes e implacavelmente tenros, exibindo um vislumbre das presas afiadas.

— Minha Rainha — sussurrou ele, e aquelas duas palavras nebulosas acalmaram a minha pele. A melodia da sua voz sufocou aquela coisa antiga dentro de mim que queria pegar a raiva e o medo que irradiava de todos os outros e voltar aquelas emoções contra eles, dando-lhes algo para temer de verdade e acrescentando-os às coisas despedaçadas e espalhadas pelo assoalho. Ele repuxou um canto dos lábios e uma covinha profunda apareceu na sua bochecha direita.

Tonta de alívio por ver aquela covinha irritantemente idiota e adorável, meu corpo inteiro estremeceu. Receava que ele ficasse com medo de mim quando visse o que eu tinha feito. E não poderia culpá-lo por isso. O que eu tinha feito deveria aterrorizar qualquer um, mas não Casteel. O calor que deixou os seus olhos da cor do mel quente me dizia que o medo era a última coisa em que ele estava pensando. O que também era um pouco perturbador. Mas ele era o Senhor das Trevas, quer gostasse de ser chamado assim ou não.

Um pouco do choque se dissipou e a adrenalina pulsante diminuiu. E, nesse momento, percebi que estava ferida. Meu ombro e a lateral da minha cabeça latejavam. O lado esquerdo do meu rosto parecia inchado, e não tinha nada a ver com as velhas cicatrizes. Senti uma ligeira dor nas pernas e braços e o meu corpo ficou estranho, como se meus joelhos estivessem bambos. Cambaleei na brisa quente e salgada... Casteel se levantou rapidamente e eu não deveria ter ficado surpresa com a rapidez com que ele se moveu, mas fiquei. Em um piscar de olhos, ele se ergueu, uns trinta centímetros mais perto de mim, e várias coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Os homens e mulheres atrás dos pais de Casteel, que usavam as mesmas túnicas brancas e calças largas daqueles que estavam caídos no chão, também se moveram. A luz se refletiu nos braceletes dourados que adornavam seus bíceps quando eles ergueram as espadas, aproximando-se dos pais de Casteel para protegê-los. Alguns deles pegaram as bestas presas nas costas. Deveriam ser alguma espécie de guardas.

Um súbito rosnado de alerta veio do maior lupino que eu já tinha visto. O pai de Kieran e Vonetta se postou a minha direita. Jasper havia celebrado o casamento entre Casteel e eu no Pontal de Spessa. Ele estava presente quando Nyktos demonstrou a sua aprovação, transformando o dia em noite. Mas agora o lupino repuxou os lábios cor de aço, exibindo dentes capazes de rasgar a carne e quebrar ossos. Ele era leal a Casteel, e ainda assim o instinto me dizia que o sinal de alerta não era apenas para os guardas.

Outro rosnado veio da esquerda. Sob a sombra da árvore de sangue que brotou onde o meu sangue havia caído — e então cresceu até uma altura enorme em questão de segundos —, um lupino de pelos fulvos surgiu no meu campo de visão, de cabeça baixa e com os olhos azuis iridescentes. *Kieran*. Ele olhou fixamente para Casteel. Não entendi por que eles estavam se comportando daquela maneira com o Príncipe, ainda mais Kieran. Ele estava vinculado a Casteel desde o nascimento, tinha o dever de obedecê-lo e protegê-lo a todo custo. Mas ele era mais que um lupino vinculado a Casteel. Eles eram irmãos, se não de sangue, então por amizade, e eu sabia que os dois se amavam.

No momento, a maneira como as orelhas de Kieran estavam puxadas para trás não era nada *amorosa*.

A inquietação tomou conta de mim quando Kieran armou o bote, retesando os músculos elegantes das pernas enquanto se preparava para atacar... Casteel.

Senti o estômago revirado. Isso estava errado. Estava tudo errado.

— Não — murmurei, com a voz rouca e quase irreconhecível, mesmo para mim.

Kieran não pareceu me ouvir nem se importar. Se ele estivesse agindo normalmente, eu teria presumido que ele estava tentando me ignorar, mas aquilo era diferente. *Ele* estava diferente. Os olhos dele estavam mais brilhantes do que eu me lembrava de ter visto, e havia algo de errado porque... não eram apenas azuis agora. Suas pupilas tinham um brilho prateado, uma aura que penetrava no azul em faixas estreitas. Virei a cabeça na direção de Jasper. Os olhos dele também haviam mudado. Eu já tinha visto aquela luz estranha

antes. Era a mesma cor da minha pele quando curei as pernas quebradas de Beckett — o mesmo brilho prateado que irradiara de mim minutos antes.

Uma explosão de surpresa tomou conta de Casteel enquanto ele olhava para os lupinos, e então eu senti... *alívio* emanando dele.

— Vocês sabiam. — A voz de Casteel se encheu de assombro, algo que ninguém atrás dele sentia. Até mesmo o sorriso fácil estava ausente do rosto do Atlante ruivo. Emil olhou para nós de olhos arregalados, transmitindo uma dose saudável de medo, assim como Naill, que sempre parecia imperturbável, mesmo quando estava em menor número durante uma batalha. Casteel embainhou as espadas ao lado do corpo lentamente. Manteve as mãos vazias abaixadas. — Vocês sabiam que estava acontecendo alguma coisa com ela. É por isso que... — Ele parou de falar e retesou o maxilar.

Vários guardas se postaram na frente do Rei e da Rainha, cercando-os completamente.

Uma profusão de pelos brancos avançou. Delano enfiou o rabo entre as pernas enquanto batia as patas no mármore. Ergueu a cabeça e uivou. O som lúgubre e belo me deixou toda arrepiada.

Ao longe, os sons fracos de ganidos e latidos responderam, ficando mais altos a cada segundo. As folhas das árvores altas em forma de cone que separavam o Templo e a Enseada de Saion estremeceram quando um estrondo ecoou do solo abaixo. Pássaros de asas azuis e amarelas alçaram voo das árvores, se espalhando pelo céu.

— Caramba. — Emil se virou para os degraus do Templo. Desembainhou as espadas ao lado do corpo. — Eles estão convocando a cidade inteira.

— É ela. — A cicatriz profunda que cortava a testa do lupino mais velho se destacou. Uma forte incredulidade emanou de Alastir quando ele saiu do círculo de guardas que se formou em torno dos pais de Casteel.

— Não é ela — retrucou Casteel.

— É, sim — confirmou o Rei Valyn enquanto olhava para mim com o rosto que Casteel um dia teria. — Eles estão respondendo a ela. É por isso que aqueles que estavam na estrada conosco mudaram do nada. Ela os chamou.

— Eu... eu não chamei ninguém — disse a Casteel, com a voz falhando.

— Eu sei. — O tom de voz de Casteel se suavizou quando os olhos dele encontraram os meus.

— Chamou, sim — insistiu a mãe dele. — Pode até não perceber, mas você os convocou.

Virei-me para ela e senti um aperto no peito. Ela era tudo o que eu imaginava que a mãe de Casteel fosse. Deslumbrante. Régia. Poderosa. Calma agora, mesmo enquanto permanecia ajoelhada, mesmo quando me viu pela primeira vez e perguntou para o filho: *O que foi que você fez? O que foi que você trouxe de volta?* Estremeci, temendo que aquelas palavras ficassem comigo por muito tempo depois de hoje.

As feições de Casteel se destacaram conforme seus olhos dourados estudavam o meu rosto.

— Se os idiotas atrás de mim largassem as espadas em vez de brandi-las contra a minha esposa, uma colônia inteira de lupinos não estaria prestes a nos atacar — disparou ele. — Eles estão apenas reagindo à ameaça.

— Você tem razão — concordou o pai dele enquanto ajudava a esposa a ficar de pé. O sangue empapava o joelho e a bainha do seu vestido lilás. — Mas pergunte a si mesmo por que o seu lupino vinculado está protegendo alguém que não seja você.

— Eu não me importo nem um pouco com isso nesse momento — respondeu Casteel enquanto o som de centenas, se não mais, de patas batendo na terra soou ainda mais perto. Ele não podia estar falando sério. Tinha de se importar, pois era uma ótima pergunta.

— Você precisa se preocupar — advertiu a mãe dele, com um leve tremor na voz firme. — Os vínculos foram quebrados.

Os vínculos? Com as mãos trêmulas, virei os olhos arregalados para os degraus do Templo, para onde Emil recuou lentamente. Naill estava empunhando suas espadas agora.

— Ela tem razão — proferiu Alastir, com a pele em torno da boca parecendo ainda mais branca. — Eu consigo... eu consigo sentir... o Estigma Primordial. A marca dela. Bons deuses. — Sua voz tremia quando ele tropeçou para trás, quase pisando na coroa. — Estão todos quebrados.

Eu não fazia a menor ideia do que era esse Estigma, mas, em meio à confusão e ao pânico crescente, havia algo estranho no que Alastir havia declarado. Se fosse verdade, então por que ele não estava na forma de lupino? Será que era porque ele já havia quebrado o vínculo de lupino com o antigo Rei de Atlântia anos atrás?

— Veja os olhos deles — ordenou a Rainha suavemente, apontando para o que eu já tinha visto. — Sei que você não entende. Há coisas que você nunca precisou saber, Hawke. — Sua voz falhou nesse momento, engrossando ao pronunciar o apelido dele, um nome que eu já havia acreditado não passar de uma mentira. — Mas o que você precisa saber agora é que eles não servem mais à linhagem fundamental. Você não está seguro. Por favor — implorou ela. — Por favor. Preste atenção, Hawke.

— Como? — balbuciei. — Como o vínculo poderia se quebrar?

— Isso não importa agora. — O âmbar dos olhos de Casteel estava quase luminoso. — Você está sangrando — disse ele, como se essa fosse a coisa mais importante em questão.

Só que não era.

— Como? — repeti.

— É por causa do que você é. — Eloana enrolou a mão esquerda nas saias do vestido. — Você tem sangue de um deus nas veias...

— Eu sou mortal — interrompi.

Uma mecha grossa de cabelo escuro caiu do seu coque quando ela sacudiu a cabeça.

— Sim, você é mortal, mas descende de uma divindade, dos filhos dos deuses. Só é preciso uma gota do sangue de um deus...

— Ela engoliu em seco. — Você pode ter mais que apenas uma gota, mas o que existe no seu sangue, o que existe em você, suplanta qualquer juramento que os lupinos tenham feito.

Foi então que me lembrei do que Kieran dissera a respeito dos lupinos em Novo Paraíso. Os deuses deram uma forma mortal aos outrora selvagens lobos kiyou para que servissem como guias e protetores de seus filhos, as divindades. Outra coisa que Kieran dissera naquela ocasião explicava a reação da Rainha.

Olhei para a coroa que jazia aos pés de Nyktos. Uma gota de sangue de uma divindade revogava qualquer reivindicação ao trono

Atlante.

Ah, deuses, havia uma boa chance de que eu desmaiasse. E isso não seria constrangedor?

Eloana se virou para as costas rígidas do filho.

— Se você se aproximar dela agora, eles o verão como uma ameaça. Eles vão te trucidar.

Meu coração palpitou até quase parar de pânico. Casteel parecia estar prestes a fazer isso. Atrás de mim, um dos lupinos menores avançou, latindo e mordendo o ar.

Senti todos os músculos do corpo retesados.

— Casteel...

— Tudo bem. — Casteel não tirou os olhos de mim. — Ninguém vai machucar Poppy. Eu não vou permitir isso. — O peito dele subiu com uma respiração funda e pesada. — E você sabe disso, certo?

Assenti enquanto respirava de modo rápido e superficial. Era a única coisa que eu entendia naquele momento.

— Está tudo bem. Eles só estão protegendo você. — Foi então que Casteel sorriu para mim, mas foi um sorriso tenso. Ele olhou para a minha esquerda, para Kieran. — Não sei de tudo que está acontecendo agora, mas você, todos vocês, querem mantê-la em segurança. E isso é tudo que quero. Vocês sabem que eu nunca a machucaria. Prefiro arrancar o meu próprio coração a fazer algo do tipo. Ela está ferida. Preciso me certificar de que ela esteja bem e nada vai me impedir de fazer isso. — Ele não pestanejou enquanto sustentava o olhar de Kieran, enquanto o trovão dos passos dos outros lupinos alcançava os degraus do Templo. — Nem mesmo você. Qualquer um de vocês. Vou destruir todos que ficarem no nosso caminho.

O rosnado de Kieran se intensificou, e uma emoção que eu nunca senti emanando dele antes se derramou em mim. Era como raiva, mas mais antigo. E se parecia com aquele zumbido no meu sangue. Ancestral. Primordial.

Em um instante, pude ver tudo se desenrolando na minha mente como se estivesse acontecendo diante de mim. Kieran iria atacar. Ou talvez Jasper. Eu já tinha visto o tipo de dano que um lupino era capaz de infligir, mas Casteel não morreria facilmente. Ele faria exatamente o que havia prometido. Destruiria tudo o que estava

entre nós dois. Lupinos morreriam, e, se ele machucasse Kieran — se fizesse pior do que isso, o sangue do lupino não mancharia apenas as mãos de Casteel. Mas marcaria a sua alma até o dia da sua morte.

Uma onda de lupinos atingiu o topo das escadas do Templo, tanto pequenos quanto grandes, de várias cores diferentes. A chegada deles trouxe um conhecimento aterrorizante. Casteel era incrivelmente forte e ágil. Ele derrubaria muitos. Mas cairia com eles.

Ele morreria.

Casteel morreria por minha causa — porque convoquei aqueles lupinos e não sabia como detê-los. Meu coração bateu descompassado. Um lupino perto da escada seguiu Emil enquanto ele continuava recuando. Outro rastreou Naill enquanto ele falava baixinho com o lupino, tentando argumentar com a criatura. Os outros tinham se concentrado nos guardas que cercavam o Rei e a Rainha, e alguns... Ah, deuses, vários deles se aproximaram de Casteel por trás. Aquilo havia virado um caos, ninguém tinha controle sobre os lupinos.

Respirei fundo conforme minha mente disparava, se libertando da dor e da inquietação. Alguma coisa aconteceu dentro de mim para fazer com que aquela gota de sangue de um deus quebrasse os vínculos. Eu suplantei os juramentos prévios e isso tinha... tinha de significar que eles agora *me* obedeciam.

— Pare — ordenei enquanto Kieran vociferava para Casteel, cujos lábios também estavam repuxados agora. — Kieran! Pare! Você não vai machucar Casteel. — Elevei a voz quando um zumbido suave voltou ao meu sangue. — Parem todos. Agora! Nenhum de vocês vai atacar. — Foi como se um interruptor tivesse sido acionado na mente dos lupinos. Em um instante, eles estavam preparados para atacar, no seguinte, eles se deitaram de barriga no chão, enfiando a cabeça entre as patas dianteiras. Eu ainda conseguia sentir a raiva deles, o antigo poder, mas já tinha diminuído, se dissipando em um fluxo constante.

Emil abaixou a espada.

— Isso... isso foi oportuno. Obrigado.

Dei um suspiro entrecortado enquanto um tremor percorria os meus braços. Mal pude acreditar que aquilo tinha dado certo conforme examinava o Templo, vendo todos os lupinos deitados. Todo o meu ser queria se rebelar contra uma confirmação do que a Rainha tinha afirmado, mas, deuses, havia um limite para o que eu poderia negar. Olhei para Casteel, com a garganta seca.

Ele olhou para mim de olhos arregalados mais uma vez. Eu não conseguia respirar. Meu coração não desacelerava o suficiente para que eu compreendesse o que ele estava sentindo.

— Ele não vai me machucar. Vocês sabem disso — falei, com a voz embargada conforme olhava para Jasper e depois para Kieran. — Você me disse que ele era a única pessoa em ambos os reinos com quem eu estava a salvo. Isso não mudou.

Kieran agitou as orelhas e então se levantou, recuando. Ele se virou, cutucando a minha mão com o focinho.

— Obrigada — sussurrei, fechando os olhos por um breve instante.

— Só para você saber — murmurou Casteel, com os cílios volumosos semicerrados. — O que você acabou de fazer e dizer me fez sentir um monte de coisas completamente inapropriadas nesse momento.

Dei uma risada débil e trêmula.

— Tem alguma coisa muito errada com você.

— Eu sei. — Ele repuxou o canto esquerdo dos lábios e a covinha apareceu. — Mas você ama isso em mim.

Amava, sim. Deuses, e como amava.

Jasper sacudiu o pelo enquanto virava a enorme cabeça de mim para Casteel. Ele se virou de lado, fazendo um som áspero e bufante. Foi então que os outros lupinos se mexeram, saindo de trás da árvore de sangue. Eu os observei passar por mim — assim como por Casteel e pelos outros — de orelha em pé e balançando o rabo conforme se juntavam àqueles que desciam as escadas e saíam do Templo. Dos lupinos, apenas Jasper, o filho e Delano permaneceram ali, e a sensação de tensão caótica se dissipou.

Uma mecha de cabelo escuro caiu sobre a testa de Casteel.

— Você estava brilhando como prata de novo. Quando ordenou que os lupinos parassem — disse ele. — Não muito, não como

antes, mas você ainda parecia o luar.

Estava mesmo? Olhei para as minhas mãos. Elas pareciam normais.

— Eu... eu não sei o que está acontecendo — sussurrei, com as pernas bambas. — Eu não sei o que está acontecendo. — Ergui o olhar até ele e o vi dar um passo em frente e depois mais outro. Não houve nenhum rosnado de alerta. Nada. Minha garganta começou a arder. Eu podia sentir as lágrimas brotando nos meus olhos. Não podia chorar. Eu me *recusava*. Tudo já tinha virado uma bagunça enorme sem que eu soluçasse histericamente. Mas eu estava tão cansada. Eu estava *ferida*, e mais do que fisicamente.

Quando entrei naquele Templo pela primeira vez e olhei para as águas cristalinas dos Mares de Saion, me senti em casa. E eu sabia que as coisas seriam complicadas. Provar que a nossa união era verdadeira não seria nem de longe tão difícil quanto obter a aceitação dos pais de Casteel e do seu reino. Nós ainda precisávamos encontrar o irmão dele, o Príncipe Malik. E o meu. Tínhamos que lidar com a Rainha e o Rei dos Ascendidos. Nada seria fácil no nosso futuro, mas eu tinha esperança. Agora, me sentia uma tola. Tão ingênua. O lupino mais velho do Pontal de Spessa, aquele que ajudei a se curar depois da batalha, tinha me avisado sobre o povo de Atlântia. *Eles não escolheram você*. E agora eu duvidava de que algum dia o fizessem.

Respirei de modo entrecortado e sussurrei:

— Eu não queria nada disso.

Rugas de tensão envolveram a boca de Casteel.

— Eu sei. — A voz dele soou áspera, mas seu toque foi delicado quando ele colocou a palma da mão sobre a bochecha que não parecia inchada. Casteel encostou a testa na minha, e eu senti o choque de percepção das nossas peles unidas percorrendo o meu corpo enquanto ele deslizava a mão no meu cabelo emaranhado. — Eu sei, Princesa — sussurrou ele, e fechei os olhos com força para conter uma onda de lágrimas ainda mais forte. — Tudo bem. Vai ficar tudo bem. Eu prometo a você.

Assenti, mesmo sabendo que ele não podia garantir isso. Não mais. Eu me obriguei a engolir o nó de emoção que surgiu na minha garganta.

Casteel beijou a minha testa manchada de sangue e então ergueu a cabeça.

— Emil? Você pode pegar as roupas de Delano e Kieran dos cavalos para que eles possam mudar de forma sem traumatizar ninguém?

— Ficarei muito feliz em fazer isso — respondeu o Atlante.

Eu quase ri.

— Acho que a nudez deles será a coisa menos traumatizante a acontecer hoje.

Casteel não disse nada enquanto tocava na minha bochecha outra vez, inclinando a minha cabeça delicadamente para o lado. Em seguida, ele olhou para as pedras ainda jogadas no chão aos meus pés. Um músculo saltou em seu maxilar. Ele ergueu os olhos para mim, e eu vi que as suas pupilas estavam dilatadas, com apenas uma estreita faixa de âmbar visível.

— Eles tentaram *apedrejar* você?

Ouvi um suspiro suave que pensei ter vindo da mãe de Casteel, mas não olhei para conferir. Eu não queria ver o rosto deles. Não queria saber o que eles sentiam naquele momento.

— Eles me acusaram de tramar com os Ascendidos e me chamaram de Devoradora de Almas. Eu neguei, tentei falar com eles. — As palavras saíram da minha boca apressadamente conforme eu erguia as mãos para tocá-lo, mas me detive. Eu não sabia o que o meu toque era capaz de fazer. Inferno, eu nem sabia o que era capaz de fazer *sem* tocar em alguém. — Tentei argumentar, mas eles começaram a atirar pedras. Mandei-os parar com aquilo. Disse que já bastava e... Não sei o que fiz... — Comecei a olhar por cima do ombro dele, mas Casteel parecia saber o que eu procurava. Ele me deteve. — Não tive intenção de matá-los.

— Você estava se defendendo. — Ele estreitou as pupilas quando viu o meu olhar. — Você fez o que tinha que fazer. Você estava se defendendo...

— Mas eu não toquei neles, Casteel — sussurrei. — Foi como durante a batalha no Pontal de Spessa. Lembra-se dos soldados que nos cercaram? Quando eles tombaram, eu senti alguma coisa dentro de mim. E senti isso de novo aqui. Foi como se algo em mim soubesse o que fazer. Peguei a raiva deles e... e fiz exatamente o

que uma Devoradora de Almas *faria*. Peguei a raiva e então a virei contra eles.

— Você não é uma Devoradora de Almas — disse a Rainha Eloana de algum lugar não muito distante. — No momento em que o éter no seu sangue se tornou visível, aqueles que a atacaram deveriam saber exatamente o que você era. O que você é.

— Éter?

— É o que algumas pessoas chamam de mágica — respondeu Casteel, mudando de posição como se estivesse bloqueando a mãe de mim. — Você já viu isso antes.

— A névoa?

Ele assentiu.

— É a essência dos deuses, o que existe no sangue deles e que lhes concede as suas habilidades e o poder de criação que todos eles tinham. Ninguém mais chama assim desde que os deuses foram hibernar e as divindades morreram. — Ele me encarou. — Eu já devia saber. Deuses, eu devia ter percebido...

— É fácil falar agora — declarou a Rainha. — Mas por que você pensaria nessa possibilidade? Ninguém esperaria uma coisa dessas.

— A não ser por você — acusou Casteel. E ele tinha razão. Ela sabia, sem sombra de dúvida. E é claro que eu estava brilhando no momento da sua chegada, mas ela sabia com uma certeza inquestionável.

— Eu posso explicar — afirmou a mãe de Casteel, quando Emil apareceu, carregando dois alforjes. Ele se manteve longe de nós enquanto os deixava perto de Jasper e então recuava.

— Parece que muita coisa precisa ser explicada — declarou Casteel friamente. — Mas teremos que fazer isso outra hora. — O olhar dele vagou sobre a minha bochecha esquerda, e aquele músculo pulsou ao longo do seu maxilar mais uma vez. — Preciso levá-la para um lugar seguro onde eu possa... Onde eu possa cuidar de você.

— Você pode levá-la para o seu antigo quarto na minha casa — anunciou Jasper, e me sobressaltei. Eu sequer o ouvira mudar de forma. Comecei a olhar para ele, mas avistei pele enquanto ele estendia a mão para o alforje.

— Vai nos servir bem. — Casteel pegou o que parecia ser um par de calças de Jasper. — Obrigado.

— É seguro para você lá? — perguntei, e um sorriso irônico surgiu nos lábios de Casteel.

— Sim, ele estará seguro lá — afirmou Kieran.

Fiquei tão chocada ao ouvir a voz de Kieran que me virei. E não me detive. Havia muita pele negra à mostra, mas ele ficou parado ali como se não estivesse nu na frente de todo mundo. Pela primeira vez, eu não tive nenhuma dificuldade para ignorar o fato de que ele estava pelado. Olhei para os olhos dele. Estavam normais — de um azul vívido e marcante e sem a aura prateada.

— Você estava prestes a atacar Casteel.

Kieran assentiu enquanto pegava as calças das mãos de Casteel.

— Estava mesmo — confirmou Casteel.

Olhei de volta para o meu marido.

— E você ameaçou acabar com ele.

A covinha surgiu na bochecha esquerda dele outra vez.

— Ameacei, sim.

— Por que você está sorrindo? Isso não devia fazê-lo sorrir. — Eu o encarei, com lágrimas idiotas ardendo nos olhos. Não me importava que tivéssemos plateia. — Isso não pode acontecer nunca mais. Você está me ouvindo? — Virei-me para Kieran, que arqueou a sobrancelha enquanto puxava a calça para cima sobre os quadris esguios. — Vocês dois estão me ouvindo? Eu não vou permitir. Não vou...

— Shh. — O toque leve de Casteel na minha bochecha atraiu o meu olhar de volta para ele conforme se aproximava de mim. Ele estava perto o suficiente para que o seu peito roçasse no meu com cada fôlego. — Não vai acontecer de novo, Poppy. — Ele deslizou o polegar rapidamente sob o meu olho esquerdo. — Combinado?

— Combinado. — Kieran pigarreou. — Eu não... — E então se calou.

Mas o pai dele não.

— Contanto que o Príncipe não dê nenhum motivo para nos comportarmos de forma diferente, nós o protegeremos tão ferozmente quanto protegeremos você.

Nós. Toda a raça dos lupinos. Era disso que Alastir estava falando quando disse que todos os vínculos tinham sido quebrados. Eu tinha um monte de perguntas para fazer, mas repousei a cabeça no peito de Casteel. Não foi muito bom, porque senti uma explosão de dor na cabeça. Mas não me importei pois, quando respirei fundo, eu só senti o cheiro de especiarias e pinho. Casteel passou o braço cuidadosamente em volta das minhas costas, e eu achei... Pensei tê-lo sentido estremecer.

— Espere aí — interrompeu Kieran. — Onde está Beckett? Ele estava com você quando partiu.

Casteel recuou ligeiramente.

— É verdade. Beckett se ofereceu para mostrar o Templo a você. — Ele estreitou os olhos enquanto olhava para mim. — Foi quem a trouxe até aqui.

Uma onda de arrepios percorreu a minha pele. *Beckett*. Senti um aperto no peito ao pensar no jovem lupino que passou a maior parte da viagem atrás de borboletas. Eu ainda não conseguia acreditar que ele havia me levado até ali sabendo o que esperava por mim. Mas me lembrei do gosto amargo do seu medo naquele dia no Pontal de Spessa. Ele tinha pavor de mim.

Ou será que estava com medo de outra coisa?

Suas emoções eram confusas. Ele passou de agir de modo normal perto de mim, todo feliz e sorridente, para de repente sentir medo e ansiedade, como estava quando me levou até ali.

— Ele sumiu antes que os outros aparecessem — disse a Casteel. — Não sei para onde foi.

— Encontre Beckett — ordenou ele, e Delano, ainda na forma de lupino, inclinou a cabeça. — Naill? Emil? Vão com ele. Certifiquem-se de que Beckett seja trazido vivo até mim.

Os dois Atlantes assentiram e fizeram uma reverência. Nada no tom de voz de Casteel sugeria que a parte sobre ser trazido *vivo* fosse uma coisa boa.

— Ele é só um garoto. — Observei Delano sair correndo, desaparecendo rapidamente com Naill e Emil. — Ele estava assustado. E pensando bem...

— Poppy. — Casteel colocou as pontas dos dedos na minha bochecha, logo abaixo de um ponto dolorido. Ele abaixou a cabeça,

roçando os lábios no corte. — Tenho duas coisas a dizer. Se Beckett teve alguma coisa a ver com isso, eu não me importo com o que nem com quem ele é, e muito menos com os seus sentimentos. — Ele ergueu a voz até que todos que continuavam no Templo pudessem ouvi-lo, incluindo os seus pais. — Uma ação contra a minha esposa é uma proclamação de guerra contra *mim*. Seu destino já está selado. E em segundo lugar? — Ele abaixou a cabeça ainda mais. Dessa vez, os lábios dele roçaram nos meus em um beijo suave. Eu quase não o senti, mas ainda assim meu estômago se revirou. Então ele levantou a cabeça, e eu vi nas suas feições a imobilidade total de um predador concentrado na sua presa. Eu já tinha visto aquilo antes, antes que ele arrancasse o coração de Landell em Novo Paraíso.

Casteel virou a cabeça para o lado, olhando para o único lupino que continuava ali, agora de pé sobre as duas pernas.

— *Você*.

Capítulo Dois

Alastir Davenwell era o conselheiro dos pais de Casteel. E quando o Rei Malec Ascendeu a amante, Isbeth, foi Alastir quem alertou a Rainha Eloana, quebrando o vínculo entre ele e o agora exilado — e provavelmente morto — Rei. Só os deuses sabiam quantos Atlantes Alastir havia salvado ao longo dos anos, ajudando-os a fugir de Solis e dos Ascendidos, que usavam o seu sangue para fazer mais vampiros.

Quem sabe como as coisas poderiam ter sido diferentes para a minha família se eles tivessem encontrado Alastir? Eles ainda poderiam estar vivos, vivendo uma vida feliz e próspera em Atlântia. E o meu irmão Ian também estaria lá. Em vez disso, ele estava na Carsodônia e provavelmente era um deles agora — um Ascendido.

Engoli em seco, deixando esses pensamentos de lado. Não era a hora para isso. Eu gostava de Alastir. Ele fora gentil comigo desde o início. Além do mais, eu sabia que Casteel o respeitava e se importava com o lupino. Se Alastir tivesse participado daquilo, isso magoaria Casteel profundamente.

Para falar a verdade, eu esperava que nem Alastir, nem Beckett tivessem nada a ver com isso, mas não acreditava em coincidências há muito tempo. E naquela noite em que os Ascendidos chegaram ao Pontal de Spessa? Eu me dei conta de uma coisa a respeito de Alastir que não me agradou nem um pouco. Aquilo havia caído no esquecimento quando os Ascendidos chegaram e com tudo o que aconteceu depois, mas veio à tona outra vez.

Casteel pretendia se casar com Shea — a filha de Alastir — mas então foi capturado pelos Ascendidos e Shea traiu a ele e ao irmão

para tentar salvar a própria vida. Todo mundo, incluindo Alastir, acreditava que Shea havia morrido de modo heroico, mas eu sabia da verdadeira tragédia de como ela morrera. No entanto, Alastir também tinha uma sobrinha-neta, uma lupina com quem ele e o Rei Valyn esperavam que Casteel se casasse após o seu retorno ao reino. Algo que ele havia mencionado durante o jantar, alegando que acreditava que Casteel já tivesse me contado. Eu não sabia muito bem se ele realmente acreditava naquilo, mas esse não é o ponto.

Eu não podia ser a única pessoa que achava isso tudo... estranho. A filha de Alastir? E agora a sua sobrinha-neta? Eu duvidava muito que não houvesse um monte de lupinas ou Atlantes que também seriam adequadas para se casar com Casteel, ainda mais quando ele não havia dado nenhuma indicação de que estaria interessado em tal união.

Nada disso tornava Alastir culpado, mas era esquisito.

Agora o lupino parecia absolutamente pasmo enquanto retribuía o olhar de Casteel.

— Eu não sei o que você acha que Beckett fez ou como isso teria alguma coisa a ver comigo, mas o meu sobrinho nunca se envolveria em algo assim. Ele é um filhote. E eu iria...

— Cale a porra da boca — rosnou Casteel enquanto eu espiava por cima do ombro dele. O lupino empalideceu.

— Casteel...

— Não me faça repetir — interrompeu ele, se virando para os guardas. — Prendam Alastir.

— O quê? — explodiu Alastir quando metade dos guardas se viraram para ele enquanto os outros olhavam nervosamente de Casteel para o único Rei e Rainha que conheciam.

O Rei estreitou os olhos para o filho.

— Até onde sabemos, Alastir não cometeu nenhum crime.

— Talvez não. Talvez ele seja completamente inocente, assim como o sobrinho-neto. Mas, até que tenhamos certeza, quero que ele seja detido — afirmou Casteel. — Prendam-no ou eu mesmo o farei.

Jasper avançou, rosnando baixo enquanto retesava os músculos sob a pele humana. Os guardas se mexeram nervosamente.

— Esperem! — gritou Alastir, com o rosto afogueado conforme a raiva pulsava ao seu redor. — Ele não tem a autoridade necessária para dar ordens aos Guardas da Coroa.

Imaginei que a Guarda da Coroa fosse muito parecida com a Guarda Real que servia aos Ascendidos. Eles só recebiam ordens da Rainha Ileana, do Rei Jalara e dos Ascendidos que governassem uma cidade ou vila.

— Corrija-me se eu estiver errado. Acho que não, mas coisas estranhas acontecem — disse Casteel, e eu franzi as sobrancelhas. — Minha mãe retirou a coroa e mandou que todos aqui se curvassem diante da nova Rainha, que por acaso é minha esposa. Sendo assim, de acordo com a tradição de Atlântia, isso me torna o Rei, não importa em que cabeça a coroa esteja.

Meu coração despencou dentro do peito. Rei. Rainha. Aquilo não poderia ser sobre nós.

— Você nunca quis o trono nem as obrigações que acompanham a Coroa — disparou Alastir. — Você passou décadas tentando libertar o seu irmão para que ele pudesse assumir o trono. E agora quer reivindicá-lo? Quer dizer que desistiu do seu irmão?

Respirei fundo quando a raiva tomou conta de mim. Alastir, mais do que qualquer um, sabia o quanto encontrar e libertar Malik significava para Casteel. E as suas palavras o magoaram profundamente. Senti de Casteel o que captei na primeira vez em que o vi: uma frieza que se parecia com gelo na minha pele. Casteel estava em constante sofrimento e, embora diminuísse um pouco a cada dia, a agonia que ele sentia por causa do irmão nunca estava longe da superfície. Fazia pouco tempo que ele havia se permitido sentir algo que não fosse culpa, vergonha e angústia.

Eu nem percebi que tinha avançado até que vi que não estava mais sob a sombra da árvore de sangue.

— Casteel não desistiu de Malik — retruquei antes que pudesse encontrar a minha maldita adaga e atirá-la pelo Templo. — Nós vamos encontrar e libertar o irmão dele. Malik não tem nada a ver com isso.

— Ah, deuses. — Eloana levou a mão até a boca enquanto se virava na direção do filho. A dor contraía as suas feições e, de repente, uma tristeza profunda emanou dela em uma onda intensa.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A coroa de ossos dourados (Vol. 3 Sang..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).